

UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA: agroecologia, resistência e solidariedade no semiárido sergipano



Agricultores em mutirão, compartilhando saberes e esperança em cada plantio.

A Unidade de Produção Camponesa (UPC) está localizada no Perímetro de Irrigação Califórnia, em Canindé de São Francisco, Sergipe. Esse perímetro foi formado pelas antigas fazendas Cuiabá e Califórnia, desapropriadas em 1984. O projeto, iniciado em 1985 e concluído em 1987, visa ser um modelo de uso sustentável do solo e da água no Semiárido nordestino, aproveitando de forma racional os recursos hídricos e agrícolas da região.

A área, pertencente ao governo do estado de Sergipe, em 2015, foi cedida ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). A cessão da terra representou uma importante conquista para as pautas de luta dos camponeses e camponesas do MPA, visando resgatar e multiplicar as sementes crioulas. Na época, estávamos realizando um levantamento no território do Alto Sertão Sergipano e identificamos que muitas variedades de sementes crioulas haviam se perdido devido ao modelo de produção do agronegócio, que desvaloriza os saberes tradicionais e a agrobiodiversidade camponesa. Diante disso, nós do MPA reivindicamos o uso da terra, que estava ociosa havia mais de 12 anos, para promover a multiplicação das sementes crioulas e fortalecer a soberania alimentar e a preservação da diversidade genética local.



Em 2015, conquistamos a terra, mas seguimos com o desafio de estruturar a área e garantir acesso às políticas públicas. Nos primeiros cinco anos, iniciamos os trabalhos na UPC, focando na busca por investimentos para sistemas de irrigação e na organização de uma brigada de militantes do movimento. Esses militantes se mudaram para o espaço e permaneceram na área, dedicando-se à instalação dos kits de irrigação e aos primeiros processos de cuidado e recuperação do solo, preparando a terra para a produção sustentável e o fortalecimento da agroecologia.

A recuperação do solo

Nos primeiros plantios, observamos que a terra apresentava deficiência de nutrientes e necessitava de um processo cuidadoso de recuperação. Durante os três primeiros anos, nos dedicamos à produção de matéria orgânica e plantamos culturas como leucena, mucuna-preta, feijão-guandu e feijão-deporco, todas com a capacidade de fixar nitrogênio no solo e melhorar sua fertilidade.

Foi um processo longo e desafiador, que envolveu experimentação, estudos e pesquisas constantes. Ao longo desse período, desenvolvemos diversas práticas agroecológicas para a produção de insumos, incluindo a implementação de minhocários para a obtenção de húmus, além da produção de biofertilizantes e adubos naturais, essenciais para revitalizar o solo e garantir uma base produtiva sustentável para a UPC.

Sementes: resgate e multiplicação

Fizemos parcerias estratégicas com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e com as nove casas de sementes do Alto Sertão Sergipano, que integram o projeto Sementes do Semiárido. Nossa casa de sementes é considerada a "casa-mãe" devido ao acesso à irrigação, o que nos permite maior capacidade de produção e armazenamento. Em 2018, a estudante de Engenharia Agrônoma e militante do MPA, Andreza Paiva, realizou um mapeamento e identificou que possuíamos 58 variedades de sementes crioulas, incluindo 16 variedades de milho, 12 de feijão e 10 de fava, além de gergelim branco, preto e girassol de cacho.



Sementes crioulas da "casa-mãe".



Com fé em São José, agricultores plantando milho crioulo no dia 19 de março.



A contaminação por transgênicos afetou a preservação das sementes crioulas de milho. Das 16 variedades cultivadas, apenas três permaneceram livres de contaminação: milho asa branca, milho branco e milho cunha. Algumas sementes adquiridas já apresentavam contaminação parcial. No sexto ano da UPC, foi produzida uma tonelada de milho cunha, mas, por estar contaminado, precisou ser destinada à venda e doação para ração animal.

Diante desse desafio, renovamos os plantios utilizando uma variedade de milho cunha não contaminado, obtido de Didi, um camponês de Salgado, e ampliamos a produção de milho asa branca. Essas variedades são essenciais para a troca com famílias camponesas e para a comercialização, ajudando a manter a agrobiodiversidade na região.

Horticultura e Sistema Agroflorestal (SAF)

Cultivávamos uma grande variedade de hortaliças, como alface, coentro, cebolinha, beterraba, cenoura, couve, rúcula e cebola. Também incluímos frutíferas, como goiaba e mamão, com mamoeiros intercalados entre as hortaliças. Além disso, plantávamos açafrão para produção de temperos.

Implementamos um Sistema Agroflorestal (SAF) integrado, combinando palma, umbuzeiro, coqueiro e licuri, para fortalecer a biodiversidade e a resiliência da produção. Cultivamos variedades de feijão, como feijão de corda, sempre verde e corujinha, e estamos experimentando o cultivo do feijão-guandu.

Em 2023, fornecemos hortaliças para um parceiro do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), garantindo previsibilidade na produção e vendas, assegurando renda e contribuindo para a segurança alimentar dos estudantes, fortalecendo a conexão entre o campo e a cidade.

Solidariedade Camponesa

A UPC sempre esteve comprometida com a solidariedade, doando alimentos para famílias vulneráveis no campo e na cidade. Durante a pandemia, participamos do mutirão contra a fome, garantindo acesso a alimentos para populações necessitadas, realizamos doações para as cozinhas solidárias do MPA, para as Pastorais da Criança e o Movimento Quilombola, fortalecendo as redes de apoio comunitário. Nesse período, também organizamos cestas camponesas com alimentos agroecológicos para venda em Canindé de São Francisco, com entrega em domicílio.



Ações de solidariedade levando alimentos saudáveis produzidos na UPC.



Em 2024, já entregamos mais de uma tonelada de melancia produzida na unidade, consolidando nossa capacidade produtiva. Atualmente, estamos organizando a área da UPC em grupos produtivos. Cada família camponesa pode utilizar até três tarefas de terra para multiplicar sementes, experimentar novas práticas agroecológicas e produzir alimentos. Esse modelo tem permitido bons resultados, com a produção de uma tonelada de macaxeira ou milho a cada tarefa e meia cultivada, promovendo eficiência e sustentabilidade na produção.



Investimentos, Crédito, Mecanização

Um dos principais desafios do campesinato é a falta de investimentos suficientes. A agricultura familiar agroecológica enfrenta dificuldade para crescer por falta de recursos e acesso ao Plano Safra, devido à burocracia. O crédito para a produção camponesa é limitado, sendo muito mais fácil obter financiamento para uma produção convencional do que para a agroecológica.

Apesar dessas dificuldades, atualmente temos 20 áreas irrigadas. Esse avanço foi possível graças a parcerias com instituições de pesquisa e ensino, como a Embrapa, o Instituto Federal de Sergipe (IFS), escolas agrícolas e organizações que atuam na região.

Outro desafio crucial é a necessidade de um espaço para o beneficiamento da nossa produção, o que permitiria maior autonomia agregando valor aos produtos. No entanto, todo o trabalho na UPC ainda é manual, por falta de maquinário. Um exemplo é a seleção de uma tonelada de sementes de milho, realizada em peneiras pequenas, o que demanda muito tempo e esforço.

Mulheres à Frente da Agroecologia

A coordenação da UPC sempre esteve sob a liderança das mulheres, com forte participação da juventude. Embora o campesinato, em termos numéricos, ainda seja majoritariamente masculinizado, é nas mãos das mulheres que a agroecologia e a preservação da agrobiodiversidade floresce. Além disso, as mulheres desempenham um papel essencial na transmissão de saberes tradicionais para as novas gerações, garantindo a continuidade das práticas agroecológicas e a resistência cultural camponesa.